

TEATRO

AMADO, JORGE

Roberto Gerin

Personagens

Narrador	<i>(Adalto Bezerra, mais conhecido como Adalto Chupa-Fumo, vigorosos setenta e dois anos.)</i>
Adalto Chupa-Fumo	<i>(Poeta, agregado dos coronéis Bonfins.)</i>
Coronel Benvindo Bonfim	
Coronel Jorge Bonfim	<i>(Filho do coronel Benvindo)</i>
Dona Marinha	<i>(Primeira esposa do coronel Jorge Bonfim)</i>
Dona Quinha	<i>(Segunda esposa do coronel Jorge Bonfim)</i>
Neném	
Madalena Chora-Manso	<i>(Prostituta. Mãe de Neném.)</i>
Soninha Paraíba	<i>(Prostituta)</i>
Matilde Tesourinha	<i>(Idem)</i>
Dulcineia Ventosa	<i>(Idem)</i>
Sacramento	<i>(Idem)</i>
Dorinha	<i>(Idem)</i>
Jurema Topa-Tudo	<i>(Idem)</i>
Rosiclé	<i>(Idem)</i>
Vadinho	<i>(Personagem criado por Jorge Amado)</i>
Dona Flor	<i>(Idem)</i>
Perpétua	<i>(Idem)</i>
Ção	<i>(Idem)</i>
Glorinha	<i>(Idem)</i>
Nacib	<i>(Idem)</i>
Zezinha do Butiá	<i>(Idem)</i>

Cenários

.Cenário da casa do narrador.

.. Varanda de uma casa, no interior do sul da Bahia, cidade de Bonfim, de onde Adalto Bezerra narrará a curiosa história de sua vida. A varanda será representada por uma cadeira de balanço, ladeada de vasos com flores. O personagem vestirá roupa branca e sandálias de couro.

.Cenários da casa do coronel Jorge Bonfim.

.. *Gabinete. Uma mesa pesada, sobre a qual se veem, de forma desordenada, telefones, mapas, dossiês, papéis e fotos. Uma cadeira de espaldar alto, atrás, e uma cadeira simples, mas confortável, à frente da mesa. Na parede, ao fundo, um quadro, desses que se veem em repartições públicas, com a foto do Presidente da República. O rosto do presidente é disfarçado por uma dessas técnicas deformadoras, geralmente usada na televisão para esconder o rosto de menores infratores.*

.. *Quarto do Neném. Mesa simples, sobre a qual se espalham livros, revistas e um microcomputador, conforme indicações do texto.*

. *Janela.*

.. *Janela de casa montada pelo coronel Jorge Bonfim para acolher suas manteúdas.*

. *Cenário com os livros de Jorge Amado.*

.. *Ao fundo, surgirão, um a um, os principais livros de Jorge Amado, conforme nomeados a seguir. Dona Flor e Seus Dois Maridos, Jubiabá, Mar Morto, Capitães da Areia, Terras do Sem Fim, Os Subterrâneos da Liberdade, Gabriela Cravo e Canela, São Jorge de Ilhéus, Bahia de Todos os Santos, Os Pastores da Noite, Tenda dos Milagres, Tieta do Agreste, Tereza Batista Cansada de Guerra, Tocaia Grande, Seara Vermelha, A Descoberta da América pelos Turcos e Navegação de Cabotagem. Cada livro teria formato idêntico, com altura de mais ou menos quatro metros, variando a largura da lombada conforme a espessura do livro, podendo a largura ser determinada em 15 cm para cada cem páginas. O nome de cada livro virá indicado na própria lombada. Os livros indicados no texto terão em sua lombada uma pequena portinhola, por onde sairão e entrarão os personagens. A ordem dos livros, exceto para os que são determinados no texto, poderá obedecer à proposta da montagem.*

. *Cenários dos Livros de Jorge Amado*

.. *Cama de ferro*

.. *Cassino Palace*

.. *Bataclan*

.. *Janela da casa posta pelo coronel Amâncio Leal, na qual Glorinha, sua manteúda, se exhibirá para os transeuntes.*

. *Outros cenários que o texto indicar.*

. *Indicação do autor.*

.. Os personagens Narrador e Adalto Chupa-Fumo são a mesma pessoa, portanto, devem ser representados pelo mesmo ator.

ATO I

CENA 1

NARRADOR

(Solene, levanta-se da cadeira de balanço, posicionada ao canto de uma ampla varanda de casa no interior do sul da Bahia. Pitando sempre um velho cigarro, que em vão às vezes tenta acender.) Prezados senhores! E também mui prezadas senhoras. Vou contar uma história. Uma história verdadeiramente verídica, asseguro-lhes! E ao lhes contar o que ouvirão, uma inacreditável história acontecida com pessoas por mim muito queridas, estarei na verdade prestando homenagem a uma ilustre figura de todos vocês conhecida. Só lhes peço que ao atravessarem aquela porta, *(Aponta.)* por favor!, digam e repitam o que ouvirem aqui a quem encontrarem pelas ruas, pelos restaurantes, e mais!, a quem porventura encontrarem em seus deliciosos leitões. Ah, já sei em que as senhoras estão pensando! Que eu vim aqui distribuir fofocas! Que meu propósito é manchar reputações, destruir sólidas carreiras políticas, tingir de lama os mais alvos e puros lençóis, ahn?! *(Esbraveja.)* Não importa o que pensam e digam de mim. Poeta do acaso! Versejador de rimas pobres! Trovador de glórias passadas! E daí? Só porque passei minha vida proclamando em versos a honestidade de políticos que me acolheram da rua e me deram a dignidade de ter todo dia um prato de comida? Acham pouco um prato de comida, senhoras? Pois deixem-me lhes dizer uma coisa. Só existe um tipo de político

verdadeiramente honesto neste país. Os coronéis! Mesmo nestes tempos modernos, são os únicos! (*Irrita-se.*) Eu não sou um velho gagá. Eu sei do que eu estou falando. (*Faz uma pausa, arfa. Tosse.*) Eu tenho a meu favor um aliado que não me deixa mentir. Jorge Amado, conhecem? Pois foi ele, senhoras, nosso ilustre escritor baiano, quem me fez entender a importância dos coronéis para a história deste país. A ele devo minhas conclusões e minhas certezas. Parem e pensem. Meditem e me respondam. O que seria do nosso glorioso país sem os nossos coronéis? (*Suspira, arfante, dando a impressão de que está tendo um princípio de infarto. Respira fundo, aos poucos se recupera.*) Ah, senhoras...! Eu vim a este mundo pra amar os coronéis! E me orgulho disso. Nosso ingrato povo também devia amar seus coronéis! Os senhores, homens honrados, se tivessem conhecido meu grande amigo e mecenas, o maior dos coronéis, o honestíssimo coronel Jorge Bonfim, com certeza estariam sonhando com um grande Brasil! (*Pausa.*) Eu, um poeta pequeno, humilde e leal versejador, coloco aqui meu lirismo a serviço da pátria. (*Declama.*) No solfejo da aurora / Por dentro da mata cavalga / Carregando sua honesta espingarda / O homem que dominará a terra do cacau! (*Aponta.*) Pois, neste momento, eu lhes apresento o meu mui honrado e não menos honesto, o coronel Jorge Bonfim.

CENA 2

- CORONEL BONFIM (*Levantando-se da cadeira, com as mãos espalmadas sobre a mesa.*) Não me chame de coronel, poeta dos famintos!
- ADALTO CHUPA-FUMO (*Acuado.*) Mas... mas, coronel...!
- CORONEL BONFIM Coronel é a puta que te pariu!
- ADALTO CHUPA-FUMO Não há razão pra tanto nervosismo...!

- CORONEL BONFIM Quantas vezes mais vou precisar dizer que eu não sou coronel?
- ADALTO CHUPA-FUMO Qual seja, acalme-se...
- CORONEL BONFIM Doutor! Me chame de doutor.
- ADALTO CHUPA-FUMO Doutor ou coronel, a importância do homem é a mesma. Só não entendo por que essa mudança repentina. Essa estranha recusa a um nobre e secular tratamento!
- CORONEL BONFIM Você, com essa poesia descabelada, feita de rimas tortas e palavras podres, ainda vai destruir minha carreira política! Você, poetinha da obscuridade, canta em versos o que o país já jogou no lixo da História há muito tempo!
- ADALTO CHUPA-FUMO Mas... e seu querido pai, o coronel Benvindo...?
- CORONEL BONFIM Não chame meu saudoso pai de coronel!
- ADALTO CHUPA-FUMO Chamá-lo de quê, então?
- CORONEL BONFIM De deputado!
- ADALTO CHUPA-FUMO Mas ele nunca foi deputado...!
- CORONEL BONFIM Então chame-o de o falecido doutor!
- ADALTO CHUPA-FUMO Mas ele nem sabia ler...!
- CORONEL BONFIM Não sabia ler, mas tinha boa pontaria.
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Encanta-se.)* E que valentia!
- CORONEL BONFIM Não se fazem mais homens como ele, Adalto Chupa-Fumo.
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Pitando um velho cigarro, relaxado.)* Hoje todos uns bundas-moles! Belos discursos na tribuna, mas não conseguem acertar um elefante, quanto mais o peito de um homem! *(Aponta acintosamente para o público.)*

- CORONEL BONFIM Os tempos mudaram.
- ADALTO CHUPA-FUMO Pra pior!
- CORONEL BONFIM Hoje em dia as composições partidárias, os toma lá dá cá valem mais que mil pontarias! Estamos na modernidade, poeta do atraso! Hoje, dizer que é contra matança de jacarés dá mais voto que manter um sujeito na ignorância. E é mais barato! Um discurso bem armado vale mais do que uma tocaia!
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Com ênfase desmesurada.)* Mas, se for preciso, o senhor ainda consegue acertar o peito de um homem, não consegue, coronel?
- CORONEL BONFIM *(Vai à loucura.)* Coronel é a mãe puta que te pariu!

CENA 3

- NARRADOR Mas, antes, senhoras, eu quero lembrar o saudoso coronel Benvindo Bonfim, o pai daquele que ali está. *(Aponta o coronel Jorge Bonfim.)* O coronel Benvindo era homem de fazer tremer a terra em que pisava. Iniciou-se nas práticas do coronelismo ainda jovem, nos anos mil novecentos e trinta, quando chegou tardiamente, vindo dos cafundós das Alagoas, às já prósperas terras do cacau, em Itabuna. Em paga de serviços prestados, ganhou do coronel Dilermano uns restos de terras virgens, pra lá da curva do mundo. O jovem Benvindo aceitou o desafio, levando consigo o menino Adalto Bezerra..., *(Aponta para si mesmo.)* este que vos fala! Eu, poeta prematuro, aos onze anos, já solfejava meus primeiros versos, de beleza rara, desprovidos de rima, como mandava o modernismo da época. Tão jovem, iniciei na poesia cantando os prazeres da vida. Ah, os prazeres da vida...! Os senhores sabem quais são... E as senhoras também, presumo. Vendo

aquele mundão perdido, meu saudoso coronel Benvindo suspirou!

CENA 4

- CORONEL BENVINDO *(Olhando ao longe.)* Menino Adaltinho, isto aqui é o cu do mundo!
- ADALTO CHUPA-FUMO O cu da Bahia, meu sinhozinho!
- CORONEL BENVINDO *(Indignado.)* Você acha que eu mereço isso?
- ADALTO CHUPA-FUMO Não merece.
- CORONEL BENVINDO O coronel Dilermano devia ter-me prevenido.
- ADALTO CHUPA-FUMO Ele jogou vosmecê no meio da bosta. E bosta não vai fazer de vosmecê um coronel. Quando muito, um capitão!
- CORONEL BENVINDO *(Irritado.)* Mas eu vim aqui pra ser coronel, Adaltinho!
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Olhando, insinuativo, para os lados, no horizonte.)* Bem... nesse caso... vosmecê vai precisar de muita pontaria...
- CORONEL BENVINDO Quantos tiros eu vou precisar acertar, Adaltinho, pra ser coronel? *(Com o revólver, dá um tiro na direção do público.)*

CENA 5

- NARRADOR O jovem Benvindo agregou ao título de coronel muitas terras e o mando absoluto da promissora cidadezinha que ele mesmo fundou. E coube ao poeta aqui *(Aponta o próprio peito.)* enfeitá-la com um nome.

CENA 6

- ADALTO CHUPA-FUMO Pra que vosmecê não fique vexado e as piadinhas não se espalhem, vamos logo dar um nome a esse buraco, capitão.
- CORONEL BENVINDO Será Jucineia!
- ADALTO CHUPA-FUMO Jucineia, capitão?
- CORONEL BENVINDO Em homenagem à primeira puta que por aqui apareceu.
- ADALTO CHUPA-FUMO Aquela que morreu esfaqueada nos braços do coronel Cerqueira?
- CORONEL BENVINDO Ela mesma, a nossa heroína!
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Empolga-se.)* Isso é poesia, capitão!
- CORONEL BENVINDO *(Declama, imaginando um discurso.)* O cacau exportado pela cidade de Jucineia vai ganhar o mundo...!
- ADALTO CHUPA-FUMO Mas...
- CORONEL BENVINDO Mas o quê, Adaltinho?
- ADALTO CHUPA-FUMO As senhoras honestas de Jucineia não vão ficar ofendidas?
- CORONEL BENVINDO Por acaso, marido costuma matar mulher honesta?
- ADALTO CHUPA-FUMO Não, capitão.
- CORONEL BENVINDO Então que continuem honestas e esquecidas!
- ADALTO CHUPA-FUMO Talvez eu tenha algo melhor, capitão!
- CORONEL BENVINDO Que seja mesmo, Adaltinho!
- ADALTO CHUPA-FUMO *(Estendendo a mão, como se olhasse ao longe.)* Se isso tudo aqui é o cu da Bahia, meu capitão, então vamos dar-lhe um disfarce. Que tal

Quebradas do Ó?! (*Faz o gesto obsceno, empunhando a mão direita.*)

CORONEL BENVINDO (*Pensando, enquanto atira no círculo obsceno feito pelo poeta.*) A cidade de Quebradas do Ó exportará o melhor cacau do mundo!

ADALTO CHUPA-FUMO E será o paraíso das putas, meu coronel!

CORONEL BENVINDO (*Encantado.*) Você me chamou de coronel, poeta Adaltinho?!

CENA 7

NARRADOR Quebradas do Ó tornou-se reduto muito respeitado no sul da Bahia, graças às bravuras da família Bonfim. Ali nasceu o filho, o menino Jorge Bonfim, herdeiro de tudo o que lhe caberia em terras, poder e voto. Já que respeito é essencial, primeiro o casamento! O moço Jorge Bonfim foi pescar na prestigiada sociedade itabunense uma recatada donzela, que viria a lhe servir de esposa e futura mãe de seus filhos. Estive no casamento, na condição de honrado padrinho. Festa que duraria três dias e três noites, numa pajelança nunca vista, na qual certos convidados, acompanhando o inquieto noivo, oscilavam entre a casa do pai coronel Benvindo e a casa de diversões variadas de Guilhermina Peito de Aço. Onde eu, aliás, por inspiração de algumas meninas, acredito ter derramado os melhores versos da minha vida. Não tardou o moço Bonfim tomar certas providências, afinal, todos nós sabemos que o casamento impõe certos limites, que, para transpô-los, exige-se pouca astúcia, e muito dinheiro.

CENA 8

- CORONEL BONFIM *(Na cama de ferro.)* Minha bichinha, agora que me tornei homem sério, não podendo desfrutar amiúde do caloroso convívio de seu disputado xibiu, venho-lhe propor exclusividade. Casa montada e conta no armazém de Pedro Esquimó.
- SONINHA PARAÍBA *(Feliz, há muito pensando em dar descanso merecido ao xibiu.)* Escolho tudo? Casa, móveis, lençóis?
- CORONEL BONFIM Tudo. Mas se me cornear, seu caixão escolho eu!

(Peça em um Ato, em que foram disponibilizadas 8 das 193 cenas.)